

AS MIGRAÇÕES E AS NOVAS FRONTEIRAS DA MISSÃO

No Centenário da morte do Bem-aventurado João Batista Scalabrini

MISSIONÁRIAS SECULARES SCALABRINIANAS

Em 25 de julho de 1961, 56 anos após a morte do bem-aventurado João Batista Scalabrini, inspirado em sua espiritualidade, iniciou-se o caminho do Instituto das Missionárias Seculares Scalabrinianas, que se desenvolveu dentro de uma forte realidade migratória e em um contexto scalabriniano. Este novo Carisma na Família Scalabriniana – o dom de viver a consagração secular pelas estradas do êxodo dos migrantes – foi reconhecido definitivamente pela Igreja na Páscoa de 1990.

O início de nossa história

A nossa história começou em Solothurn (Suíça) nos ambientes da Missão Católica Italiana, que há pouco tempo havia aberto sua sede no velho edifício do Hotel Adler, o qual comportava, em seus três andares: um bar-restaurant, uma creche, um pensionato para moças operárias imigrantes, um escritório para o primeiro atendimento dos imigrantes italianos. Estes, em sua maioria, eram homens sozinhos, provenientes das regiões mais pobres da Itália, migrantes que encontravam trabalho nas fábricas, na produção de relógios, nas fundições da região de Solothurn, na perfuração das montanhas para a construção de túneis, rodovias e estradas de ferro. Em 1961 começaram a reunirem-se as famílias e de conseqüência chegavam muitas crianças em idade escolar. A fim de conseguir responder a tantas necessidades, os Missionários Scalabrinianos empenhavam-se em todos os campos: da assistência religiosa e social à sensibilização, atentos em suscitar colaboração com todos e, especialmente, com os suíços.

Adélia Firetti, missionária que iniciou este nosso caminho, escrevia: *“Na tarde daquele sábado, quando cheguei na Missão Católica Italiana em Solothurn, trazia na mala uma bagagem de pequenez junto ao desejo de uma experiência nova. Eu já havia vivido experiências na Ação Católica e na escola: de manhã lecionava em Placência, para crianças do primário e, de noite, na alfabetização para adultos, nos vales dos Apeninos. Mas isso não me bastava. Acompanhava-me, sobretudo, uma busca: viver o amor de Deus, a minha fé em um serviço aos outros. Vi a oportunidade*

de poder concretizar isso justamente na proposta que os Missionários me fizeram, os quais sentiam a urgência de criar em Solothurn uma escola para as crianças italianas que, enquanto os pais trabalhavam em turnos estressantes, caminhavam pelas ruas com a chave pendurada no pescoço. Esta experiência me pareceu significativa para minha busca.

Os Missionários se empenhavam demais, mas ao mesmo tempo encontravam dificuldades e oposição por parte das autoridades consulares. Assim, o projeto não se realizou. De minha parte precisava escolher entre: retornar para casa ou ficar na Missão em Solothurn, onde havia muito trabalho tanto com as crianças quanto com os adultos. De fato, a dura realidade da imigração daquele tempo exigia uma pluralidade de serviços e ações, eram necessários muitos colaboradores disponíveis para o projeto da Missão Católica Italiana que se estava formando e organizando. Uma gama de atividades: da catequese à liturgia; do atendimento no serviço social às visitas aos migrantes nos hospitais e nas famílias espalhadas pela periferia; do trabalho na creche àquele do restaurante, onde em uma hora e meia era necessário servir mais de cem operários. Os Missionários Scalabrinianos, com um empenho incessante, procuravam construir “pontes” de colaboração entre italianos e suíços, entre os migrantes do norte e do sul da Itália, superando discriminações; pobreza, sacrifício e solidariedade constituíam o passaporte para superar fronteiras e barreiras de todo tipo.

Mesmo não podendo ensinar, decidi ficar em Solothurn, oferecendo minha disponibilidade em diversos âmbitos e serviços. Entregando-me à novidade, a minha própria experiência de emigração me fascinava justamente pelos contrastes que, muitas vezes, me conduziam ao êxodo: a separação, a estranheza e a dor pediam esperança, comunhão, o compromisso da vida. Hoje, vejo que Alguém escrevia minha história e me conduzia, através de túneis mais ou menos longos, em uma nova terra, não somente geográfica. Para mim, Solothurn queria dizer missão, espírito scalabriniano, emigração: uma realidade que progressivamente me pertencia e se tornava minha própria pele.

Tudo isso, me parece claro hoje. Mas, de onde me vinha a força de não voltar atrás? Lembro que logo ao chegar, diante de um futuro que se fechava perante minhas expectativas, intuía que a escolha mais profunda que eu devieria fazer era aquela de estabelecer um profundo relacionamento vertical de fé com Deus, e d’Ele esperar aquele futuro pelo qual desejava dedicar minha vida. Uma terça-feira, poucos dias após minha chegada em Solothurn, antes de entrar no restaurante para começar o serviço do meio-dia, dirigi-me rapidamente até a capela do Espírito Santo, próxima do velho Hotel Adler. Era o dia 25 de julho. Um conjunto de sentimentos

entre o medo e a confiança me atravessavam. Aquele Deus, que me conduziu até ali, fazia-me perceber dentro da minha experiência a presença, cheia de amor, de Seu Filho Crucificado e Ressuscitado. Naquele momento de oração disse-lhe o meu sim, entregando-lhe totalmente minha vida. Esse voto secreto tornou-se meu ponto de referência e minha esperança: aconteça o que acontecer, e poderia acontecer-me de tudo, eu já estava entregue a Deus para sempre. Coloquei-me em suas mãos e o fato de ser totalmente entregue a Ele era minha força e alegria.”

Caminhando “pelas estradas do êxodo”, a nossa presença no mundo

“Aquele alegria - continua Adelia - nunca me abandonou, nem mesmo quando a história se fez mais difícil e complexa. De fato, as coisas estavam se tornando bem maiores do que eu poderia imaginar: formava-se uma comunidade missionária, um caminho que avançava também com a contribuição dos Missionários Scalabrinianos e da Igreja local, particularmente acolhedora dos imigrantes. Desde o início, não faltaram oposições e obstáculos, que às vezes pareciam interromper o caminho, mas não se perdia a esperança e a comunidade se desenvolvia também com a chegada de outras Missionárias de diferentes proveniências e nacionalidades.

O dom do Espírito do Ressuscitado, que se fez presente em nossos passos, nunca permitiu que se arrebetasse o fio condutor de Seu amor e de sua fidelidade e, apesar de nossa pequenez, também numérica – somos, atualmente, quase 50 missionárias - nos enviou de Solothurn para outras cidades da Europa: Basileia, Stuttgart, Milão, Roma; e depois em São Paulo (Brasil) e Cidade do México (México). Vivemos em pequenas comunidades internacionais.

A mesma migração nos conduziu em direção a fronteiras sempre novas: de uma experiência entre os imigrantes italianos na Europa aos migrantes internos e aos ilegais latino-americanos no Brasil; dos imigrantes turcos na Alemanha aos imigrantes de nacionalidades não pertencentes à União Européia na Itália, aos ‘desplazados’ e refugiados de todos os continentes na Suíça e Alemanha; e também entre os imigrantes portugueses, mão-de-obra barata para um mercado de trabalho sempre mais móvel e precário; recentemente também na Cidade do México, onde tantos imigrantes, barrados nas fronteiras, vivem a traumática espera do repatriamento.

Desde o início, as pegadas de uma espiritualidade (semeada em nossos passos e que sempre mais nos levava a conhecer o coração de João Batista Scalabrini) e o dom de compartilhar a vida dos migrantes nos ajudaram a viver as dificuldades do

êxodo, na festa, na esperança viva do mistério da Páscoa. Nos ajudaram também a procurar não separar a oração da missão, a contemplação da ação, a fé da vida.

Caminhado sempre, pelas estradas do êxodo, nossa busca em direção ao futuro era a de partir de donde partiu J. B. Scalabrini: da centralidade apaixonante de Jesus crucificado e ressuscitado, da totalidade do Reino de Deus, da Igreja, prolongamento do Verbo encarnado que, estendendo-se no homem, tornava-lhe próximo o mundo. Assim, uma consagração secular podia levar-nos para os “desertos” sociais e humanos da migração, para entrar com um serviço concreto de amor, que nos fazia aproximar do próprio Deus: ‘Era estrangeiro e tu me acolheste... e o fizeram a Mim’ (cf. Mt 25,31-46)”.

Um Instituto Secular na Família Scalabriniana

Em nossa vida missionária acompanha-nos a profunda gratidão pelo dom de Deus, que nos chama a viver a consagração secular no mundo dos migrantes. Na expressão plena de nossa condição laical, assumimos a realidade da migração para que esta seja transformada em uma experiência de vida cristã, que pode colher os profundos laços que unem homens e mulheres de todas as fronteiras, tornando-se testemunho de relações novas nas realidades e situações cotidianas da vida.

A vida consagrada exprime-se de várias maneiras diferentes. Os membros dos Institutos Seculares são chamados não somente a viver no mundo a própria vocação, como é para quase todas as formas de vida consagrada, mas lhes é confiado, como missão particular, a referência ao mundo e a todas as suas realidades, especialmente nas situações cotidianas da vida comum a todos.

Cuidar da relação com o mundo - que não é somente fora, mas também dentro de nós - significa, para os membros dos Institutos Seculares, aprender a reconhecer em todo e qualquer ambiente, isto é, no lugar sociológico - que para nós é a situação migratória - o lugar teológico, isto é, o lugar onde está presente, como tesouro escondido, Jesus Crucificado e Ressuscitado. Uma presença que quer crescer e preencher toda realidade. Na certeza dessa Sua presença, somos chamadas a viver as situações ordinárias no espírito das bem-aventuranças, nos mais variados ambientes, como sal e fermento que, mesclados à farinha, desaparecem para que toda a massa levede.

O Reino de Deus, já presente na história, como uma semente jogada na terra, precisa de contribuições diversas para crescer, tantos quantos são os dons e as vocações. Por exemplo: o serviço de quem se coloca no mundo como proposta alternativa ou como luz sobre o monte é precioso, como também aquele de entrar

nas situações como fermento que, a partir de dentro, trabalha e faz levedar a massa. Porém, em cada missão, o verdadeiro Fermento não somos nós, mas Jesus.

Assim, a consagração secular, permanecendo na estrada de todo cristão leigo, quer se tornar um sinal transparente que reenvia ao verdadeiro Fermento. Um sinal que percorre os caminhos da pobreza, castidade e obediência, segundo a forma de vida de Jesus: caminhos humildes, a fim de deixar espaço à Sua surpreendente política de comunhão, potência de amor que transforma o mundo.

Somos vasos de barro, que trazem em si um inestimável tesouro: podemos testemunhá-lo aprendendo a morrer a nós mesmos - por meio da vida dos votos de pobreza, castidade, obediência - para que venha o Reino de Deus em cada ambiente, em cada situação e nas relações com todos.

Somente assim, podemos responder à vocação, à missão especial que a Igreja nos confia, ali onde estamos, nos campos mais diversos: no serviço social, nos centros de primeiro acolhimento dos migrantes e refugiados nas fronteiras; nos Centros de Estudos Scalabrinianos; na escola, nos cursos de idiomas, nas universidades; na pesquisa científica; nos ambientes de trabalho de tantos migrantes; na cozinha de um bar universitário; no campo hospitalar como médica, dentista ou enfermeira; nos ambientes da música e da dança; entre os colegas de trabalho ou de estudo, lá onde todos sabem que você vive em uma comunidade missionária, mas também lá onde, por diversos motivos, não o sabem; às vezes em um ambiente de trabalho totalmente longe da Igreja, outras vezes em um empenho mais diretamente pastoral (numa paróquia suíça, em uma missão scalabriniana, na pastoral universitária).

A nossa vocação nos envia a entrar em cada ambiente com confiança, sabendo que ali já estão presentes as sementes do Evangelho, que esperam por serem reconhecidas e valorizadas, a fim de poderem crescer; nos envia a encontrar as pessoas com estima; a preferir o caminho do diálogo e da cooperação com todos, o serviço humilde reenviando, pelo menos implicitamente, a uma comunhão sempre maior, também onde nos encontramos a viver responsabilidades em primeira pessoa.

J.B.Scalabrini em cada situação partia da totalidade para entrar no fragmento histórico, tendo sempre presente o homem global e seu destino escatológico. Enquanto agia eficazmente nas situações concretas, nunca perdia de vista o plano de Deus, ao qual continuamente se referia e do qual se inspirava para todo seu agir. Essa grande visão lhe permitia colher o processo do desígnio de Deus na história, também *através das* catástrofes.

O mundo eclesial de sua ação era alimentado pela contemplação (*“Videum Dominum innixum scalae”: Vejo o Senhor subindo a escada*), que lhe fazia ver em todo lugar Deus que doa a si mesmo e desce em direção ao homem até se identificar com ele; era alimentado pela Palavra, especialmente pela Eucaristia, pão repartido e sangue derramado para reunir em si os povos dispersos.

Emigração como lente de aumento

Em um discurso aos Institutos Seculares, Paulo VI, em 1976, usou uma expressão historicamente significativa: podemos ver os Institutos Seculares como “um laboratório experimental, no qual a Igreja verifica as modalidades concretas de suas relações com o mundo”. E o mundo onde somos chamados a viver nossa vocação scalabriniana – como “laboratório experimental” – é o mundo da mobilidade humana, dos migrantes e dos refugiados. A emigração é uma realidade complexa, então não pode ser considerada como um setor, é como uma grande lente de aumento a través da qual ressalta o mundo com todos seus dramáticos problemas, suas injustiças, a incapacidade de uma convivência humana, e ao mesmo tempo podem emergir “as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes nas realidades do mundo”. (EN 70)

“Laboratório experimental” é um laboratório onde se tenta algo novo. Se o projeto de Deus é um projeto de comunhão - a edificação do único Corpo de Cristo - então, o laboratório não pode que ser de relações novas, onde o outro, o estrangeiro, é reconhecido como um mistério precioso; laboratório onde se aprende a escutar quem é diferente por cultura ou religião, a acolher cada outro, a perdoar, a viver a comunhão dos bens.

Em nossa história e no laboratório de vida vivido em nossa mesma comunidade, podemos experimentar que a escolha de colocar os bens em comum, vivida nos lugares e nas condições, onde nossa consagração secular nos envia, pode se tornar fermento de critérios novos no mundo. De fato, a comunhão dos bens, tanto espirituais quanto materiais (cf At 4,32.34), remete ao projeto de comunhão do Pai para a humanidade inteira: cada bem colocado em comum, enquanto é subtraído a uma economia injusta que separa os homens, apressa os passos do Reino no mundo e em suas estruturas. A lógica da comunhão eucarística reverte toda e qualquer lógica econômica de exploração do homem.

Centros Internacionais: projeto formativo que se alarga a tantas pessoas

Enquanto caminhamos nesta experiência sentimos a urgência de anunciar a todos aqueles que encontramos - especialmente aos migrantes e aos jovens, futuro da Igreja e do mundo - que é possível viver relações novas na acolhida e na comunhão entre as diversidades. Para isso nasceram os Centros Internacionais em Solothurn, Milão, São Paulo, Cidade do México, como já primeiramente existia em Stuttgart o Centro de Espiritualidade para Jovens, dos Missionários Scalabrinianos, no qual também nós partilhamos o trabalho com os jovens. Os Centros são como laboratórios de relações onde colher também o sentido positivo e enriquecedor da migração, do êxodo, da convivência; a fim de descobrir na emigração e na vida de cada um o tesouro escondido da páscoa e da comunhão trinitária. É uma formação cristã aberta a todos, em especial modo aos migrantes e aos jovens, uma formação que deseja favorecer a acolhida de cada pessoa em sua diversidade.

Esse objetivo é sempre mais visto pelas Igrejas locais como um serviço eclesial para o crescimento da dimensão católica da Igreja, que no acolhimento dos migrantes de cada cultura e proveniência pode exprimir, em cada lugar, o seu rosto universal. Uma dimensão que necessita de se abrir caminho especialmente no particular do cotidiano, nos ambientes onde as diversidades se encontram, mas, também, se desencontram.

Não sempre é fácil esta formação que aposta na pessoa, nas relações e na comunhão, em uma sociedade onde a globalização tende a uniformizar, a isolar, a marginalizar. Isto requer não somente uma contínua atualização, mas também uma transformação pessoal. É necessário habitar e permanecer no segredo profundo da realidade eucarística, a fim de poder receber aquela comunhão de filhos e irmãos, que é impossível realizar somente a nível horizontal, especialmente entre as muitas diversidades que encontramos. Como dizia Scalabrini, a Eucaristia é justamente aquele *“depósito de trigo que, se introduzido nas diversas camadas sociais, isto é, nas classes dirigentes, entre os jovens, nas famílias, tornará mais sábio este mundo confuso e desorientado e reunirá os povos dispersos no único Corpo de Cristo”*. É necessário partir a cada dia da certeza de que não falta o Pão da Vida capaz de transformar o mundo.

Maria Grazia Luise e Anna Fumagalli, MSS